

Capitalizing on Collapse:

RESUMO EXECUTIVO

Os bancos que financiam a produção e a expansão do petróleo na Amazônia têm uma escolha crucial diante de si: continuar a ser cúmplices da destruição da vida e dos meios de subsistência dos Povos Indígenas, das florestas que os sustentam e do agravamento da crise climática; ou tomar medidas claras para excluir o petróleo e o gás de suas carteiras de financiamento.

Continuar a operar como de costume vai de encontro à proliferação de compromissos assumidos pelos bancos para agir em relação ao clima, o meio ambiente e os direitos humanos. Ao mesmo tempo, a adoção de medidas para excluir o petróleo e o gás envia sinais claros às autoridades eleitas e aos tomadores de decisão em todo o mundo e na região de que manter a Amazônia intacta e preservar o patrimônio natural e cultural faz parte de qualquer compromisso globalmente significativo com o clima, a biodiversidade e os direitos humanos.

Este relatório mostra que apenas oito bancos envolvidos com a exploração de combustíveis fósseis são responsáveis pela maior parte dos US\$ 20 bilhões em financiamentos que estão diretamente relacionados com a Amazônia nos últimos 15 anos. Entre eles estão o JPMorgan Chase, o Itaú Unibanco, o Citibank, o HSBC, o Santander, o Bank of America, o Banco Bradesco e o Goldman Sachs.

Embora esses oito bancos representem apenas 5% daqueles na base de dados, eles são responsáveis por mais de 55% do financiamento direto na região. O financiamento da expansão da produção e da infraestrutura de combustíveis fósseis deve se tornar uma coisa do passado. A administração desses bancos sabe que está jogando um jogo perigoso, não apenas por não cumprir seus compromissos, mas também por promover projetos que contribuem ativamente para o aquecimento do planeta.

Este relatório destaca estudos de caso importantes que analisam como esses bancos financiaram a expansão do petróleo na Amazônia, mesmo com o alerta da Agência Internacional de Energia (AIE) de que novos projetos envolvendo combustíveis fósseis não podem ser executados se quisermos manter o aquecimento global dentro do limite de 1,5 °C.¹

O JPMorgan Chase e o HSBC, por exemplo, foram os principais patrocinadores do projeto de expansão da refinaria Talara, da Petroperú, que irá processar o petróleo que a Petroperú extrai na Amazônia peruana. O Itaú Unibanco e o Banco Bradesco apoiam o projeto do Complexo Parnaíba, da Eneva — a maior bomba de carbono da Amazônia. O relatório também mostra como o Citibank tem apoiado estrategicamente empresas do setor de petróleo e gás que continuam expandindo suas operações de exploração do petróleo na Amazônia, e como os bancos canadenses investiram mais de US\$ 1 bilhão em empresas petrolíferas canadenses com foco em projetos de exploração de petróleo na Amazônia que ameaçam as comunidades Indígenas e a biodiversidade.

Os bancos enviam sinais mercadológicos e políticos claros quando se afastam dos combustíveis fósseis e investem em energia sustentável. À medida que fica mais difícil obter financiamento para combustíveis fósseis, o crédito se torna mais restrito e os empréstimos ficam mais caros. Isso torna os projetos menos econômicos, o que significa que mais planos de expansão são engavetados e as fontes de combustíveis são abandonadas, por serem mais onerosas. Ao mesmo tempo, há mais crédito disponível e mais barato para projetos de energia sustentável, swaps de dívida por natureza e planos de transição justos.

Embora esses oito bancos representem apenas 5% daqueles na base de dados, eles são responsáveis por mais de 55% do financiamento direto na região.

Mas nessa transição, não há espaço para que os bancos continuem a apoiar a expansão do setor de petróleo e gás. A pesquisa na base de dados mostra que os bancos cúmplices da destruição na Amazônia conseguem identificar cada vez menos a destinação final de seus financiamentos ou aplicar integralmente suas políticas de ESG — expondo a fragilidade de seus compromissos ambientais, sociais e climáticos.

Reconhecendo a exposição ao risco por estarem envolvidos com a extração de combustíveis fósseis na Amazônia, os bancos começaram a assumir compromissos que se alinham à estratégia *Exit Amazon Oil & Gas*. O ING e o BNP Paribas assumiram compromissos recentes, **alinhados a alguns dos princípios da estratégia *Exit Amazon Oil and Gas***, e estão abrindo caminho para que o setor bancário em geral deixe de investir em combustíveis fósseis. Quatro bancos têm políticas que restringem o apoio financeiro a empresas ativas na extração de petróleo e gás na Amazônia: BNP Paribas, Société Générale, Intesa Sanpaolo e Standard Chartered. E o BNP Paribas, o ING, o Natixis e o Credit Suisse se comprometeram a excluir de suas carteiras o financiamento comercial do petróleo na Amazônia equatoriana. Até o momento, nenhum compromisso bancário abrange a totalidade da Amazônia. As exclusões do Standard Chartered e do BNP Paribas abrangem a "Amazônia" ou a "Bacia Amazônica", enquanto as políticas do Société Générale e do Intesa Sanpaolo incluem apenas as regiões amazônicas do Equador e do Peru.

À medida que entramos em uma nova era de caos climático e lutamos para manter o aquecimento global abaixo de 1,5 °C para evitar a pior das crises humanitárias e ambientais que a mudança climática pode ocasionar, é imprescindível que os bancos contribuam de forma urgente e significativa para proteger nosso futuro. A Amazônia é uma região de importância global para a liderança Indígena, a mitigação das mudanças climáticas e a biodiversidade. A região é um símbolo da incrível interconexão entre os valores ambientais e sociais, onde o destino do nosso clima está intrinsecamente ligado ao destino da humanidade. A Amazônia é o lugar ideal para promover uma verdadeira mudança global no comportamento do financiamento bancário.

Os bancos precisam apresentar estratégias melhores para gerenciar os riscos de impactos negativos criados por suas decisões de financiamento. A exclusão do petróleo e do gás da Amazônia é um excelente começo, assim como a inclusão de triagens

negativas para empresas de petróleo e gás em políticas intersetoriais para a biodiversidade e os direitos humanos, sem brechas suficientemente grandes para que empresas como a Shell e a Gunvor consigam se aproveitar delas.

O tempo está acabando para que os bancos parem de financiar a exploração de petróleo e gás na Amazônia. A floresta está chegando a um ponto de não retorno, os territórios Indígenas estão cada vez mais ameaçados e a Amazônia está se tornando uma fonte de emissões líquidas de carbono. Quando os governos se reunirem na Cúpula da Amazônia, em agosto de 2023, para discutir como salvar a região, eles devem fazer isso com o mais solene senso de urgência e a disposição de fazer com que o sistema financeiro se alinhe à realidade da crise climática.